



Universidade da Amazônia

# Inspirações da Tarde

de Bernardo Guimarães

## NEAD – NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA

Av. Alcindo Cacela, 287 – Umarizal

CEP: 66060-902

Belém – Pará

Fones: (91) 4009-3196 /4009-3197

[www.nead.unama.br](http://www.nead.unama.br)

E-mail: [nead@unama.br](mailto:nead@unama.br)



## Inspirações da Tarde

de Bernardo Guimarães

### Invocação à saudade

Oh! Filha melancólica dos ermos,  
Consolo extremo, e amiga no infortúnio  
Fiel e compassiva;  
Saudade, tu que única inda podes  
Nest'alma, erma de amor e de esperança,  
Um som vibrar melodioso e triste,  
Qual vento, que murmura entre ruínas,  
Os gemebundos ecos acordando;  
Vem, ó saudade, vem; — a ti consagro  
De minha lira as magoadas cordas.  
Quando o sopro da sorte impetuoso  
Nos ruge n'alma, e para sempre a despe  
Do pouco que há de amável na existência;  
Quando tudo se esvai, — ledos sorrisos,  
Suaves ilusões, prazeres, sonhos,  
Ventura, amor, e até a mesma esp'rança,  
Só tu, meiga saudade,  
Fiel amiga, jamais nos abandonas!  
Jamais negas teu bálsamo piedoso  
Às chagas do infortúnio!  
Qual de remotas, flóridas campinas  
Da tarde a branda aragem  
Nas asas nos conduz suave aroma,  
Assim tu, ó saudade,  
Em quadras mais ditosas vais colhendo  
As risonhas visões, doces lembranças,  
Com que vens afagar-nos,  
E ornas do presente as sendas nuas  
Co'as flores do passado.  
Não, não é dor o teu pungir suave,  
É um triste cismar que tem delícias,  
Que o fel aplaca, que nos ferve n'alma,  
E o faz correr banhando áridos olhos,  
Em mavioso pranto convertido.  
No íntimo do peito  
Despertas emoções que amargam, pungem,  
Mas fazem bem ao coração, que sangra  
Entre as garras de austero sofrimento!

Agora que do dia a luz extrema  
Se expande a frouxo nos calados vales,  
Lá do róseo palácio vaporoso  
Desce, ó saudade, vem, num desses raios

Que se escoam do ocaso enrubescido,  
Envolta em nuvem mística e diáfana,  
Lânguido o olhar, a fronte descaída,  
Em minha solidão vem visitar-me,  
E oferecer-me a taça misteriosa  
Onde vertes a um tempo o fel e o néctar.  
Agora, que o africano a enxada pondo,  
Da terra de seus país saudades canta  
Aos sons de tosca lira, e os duros ferros  
Da escravidão por um momento esquece,  
Enquanto no silêncio desses vales  
Soa ao longe a canção do boiadeiro,  
E o sabiá na cúpula virente  
Ao manso rumorejo da floresta  
Mescla o trinar de mágicos arpejos,  
Vem, ó saudade, leva-me contigo  
A alguma encosta solitária e triste,  
Ou ignorado vale, onde só reine  
Mistério e solidão;  
Junto a algum tronco antigo, em cuja rama  
Passe gemendo a viração da tarde,  
Onde se ouça o monótono queixume  
Da fonte do deserto.  
Lá, ó saudade, cerca-me das sombras  
De maviosa, plácida tristeza,  
Que em lágrimas sem dor os olhos banha;  
Vem, que eu quero cismar, até que a noite  
Fresco orvalho esparzindo-me na fronte,  
De meu doce delírio mansamente  
Me venha despertar.

### Recordação

#### Ilusão

Vê, que painel formoso a tarde borda  
Na brilhante alcatifa do ocidente!  
As nuvens em fantásticos relevos  
Aos olhos fingem, que inda além da terra  
Novo horizonte infindo se prolonga,  
Onde lindas paisagens se desenham  
Descomunais, perdendo-se no vago  
De vaporosos longes  
Lagos banhados de reflexos d'ouro,  
Onde se espelham gigantescas fábricas;  
Solitárias encostas, onde avultam  
Aqui e além ruínas pitorescas,  
Agrestes brenhas, serranias broncas,  
Pendientes alcantis, agudos píncaros,

Fendendo um lindo céu de azul e rosas;  
Fontes, cascatas, deleitosos parques,  
Encantadas cidades quais só pode  
Criar condão de fadas,  
Surdem do vale, entre vapor brilhante,  
Com a fronte coroada de mil torres,  
De esguios coruchéus, de vastas cúpulas;  
E além ainda mil aéreas formas,  
Mil vagas perspectivas se debuxam,  
Que por longes sem fim se vão perdendo!  
Todo enlevado na ilusão donosa  
Longo tempo meus olhos espaireço  
Porém do céu as cores já desbotam,  
Os fulgores se extinguem, se esvaecem  
As fantásticas formas vem de manso  
A noite desdobrando o véu das sombras  
Sobre o aéreo painel maravilhoso;  
Apenas pelas orlas do horizonte  
Bruxuleia através da escuridade  
O crespo dorso dos opacos montes,  
E sobre eles fulgindo merencória,  
Suspensa, como pálida lucerna,  
A solitária estrela do crepúsculo.  
Assim vos apagais em sombra escura,  
Ledas visões da quadra dos amores!...  
Lá vem na vida um tempo  
Em que a um sopro gélido se extingue  
A fantasia ardente,  
Esse sol puro da manhã dos anos,  
Que doura-nos as nuvens da existência,  
E mostra além, pelo porvir brilhando,  
Um céu formoso e rico de esperança;  
E esses puros bens, que a mente ilusa  
Cismara em tanto amor, tanto mistério,  
Lá vão sumir-se um dia  
Nas tristes sombras da realidade;  
E de tudo que foi, conosco fica,  
No fim dos tempos, a saudade apenas,  
Triste fanal, brilhando entre ruínas!

#### O sabiá

*L'oiseau semble la véritable emblème  
du chrétien ici-bas; il préfère, comme le  
fidèle, la solitude au monde; le ciel à la  
terre, et sa voix bénit sans cesse les  
merveilles du Créateur  
(Chateaubriand)*

Tu nunca ouviste, quando o sol é posto,  
E que do dia apenas aparece,  
Por sobre os ermos píncaros do ocaso,  
A orla extrema do purpúreo manto;  
Quando lã do sagrado campanário  
Já reboa do bronze o som piedoso,  
Abençoando as horas do silêncio;  
Nesse instante de místico remanso,  
De maga solidão, em que parece  
Pairar bênção divina sobre a terra,  
No momento em que a noite vem sobre ela  
Desdobrar o seu manto sonolento;  
Tu nunca ouviste, em solitária encosta,  
De anoso tronco na isolada grimpá,  
A voz saudosa do cantor da tarde  
Erguer-se melancólica e suave  
Como uma prece extrema, que a natura  
Envia ao céu, — suspiro derradeiro  
Do dia, que entre sombras se esvaece?  
O viandante para ouvir-lhe os quebros  
Pára, e se assenta à margem do caminho;  
Encostado aos umbrais do pobre alvergue,  
Cisma o colono aos sons do etéreo canto  
Já das rudes fadigas deslembado;  
E sob as asas úmidas da noite  
Aos meigos sons em êxtase suave  
Adormece embalada a natureza.  
Quem te inspira o doce acento,  
Sabiá melodioso?  
Que mágoas triste lamentas  
Nesse canto suspiroso?  
Quem te ensinou a canção,  
Que cantas ao pôr do dia?  
Quem revelou-te os segredos  
De tão mágica harmonia?  
Acaso a ausência tu choras  
Do sol, que além se sumira;  
E teu canto ao dia extinto  
Mavioso adeus suspira?  
Ou nessas notas sentidas,  
Exalando o terno ardor,  
Tu contas à meiga tarde  
Segredos do teu amor?  
Canta, que o teu doce canto  
Nestas horas tão serenas,  
Nos seios d'alma adormece  
O pungir de acerbos penas.  
Cisma o vate ao brando acento  
De tua voz harmoniosa,

Cisma, e deslembra tristuras  
De sua vida afanosa.  
E ora n'alma se lhe acorda  
Do passado uma visão,  
Que em perfumes de saudade  
Vem banhar-lhe o coração;  
Ora um sonho lhe vislumbra  
Pelas trevas do porvir,  
E uma estrela d'esperança  
Em seu céu lhe vem sorrir:  
E por mundos encantados  
Lhe desliza o pensamento.  
Qual nuvem que o vento embala  
Pelo azul do firmamento.  
Canta, avezinha amorosa,  
Em teu asilo soidoso;  
Saúda as horas sombrias  
Do silêncio e do repouso;  
Adormenta a natureza  
Aos sons de tua canção;  
Canta, até que o dia morra  
De todo na escuridão.  
Assim o bardo inspirado,  
Quando a eterna noite escura  
Lhe anuncia a fatal hora  
De baixar à sepultura,  
Um adeus supremo à vida  
Sobre as cordas modulando,  
Em seu leito sempiterno  
Vai adormecer cantando.  
Colmou-te o céu de seus dons,  
Sabiá melodioso;  
Tua vida afortunada  
Desliza em perene gozo.  
No tope do tronco excelso  
Deu-te um trono de verdura;  
Deu-te a voz melodiosa  
Com que encantas a natura;  
Deu-te os ecos da valada  
Pra repetir-te a canção;  
Deu-te amor no doce ninho,  
Deu-te os céus da solidão.  
Corre-te a vida serena  
Como um sonho afortunado;  
Oh! Que é doce o teu viver!  
Cantar e amar eis teu fado!  
Cantar e amar! — quem dera ao triste bardo  
Assim viver um dia;  
Também nos céus os anjos de Deus vivem  
De amor e de harmonia:

Quem me dera qual tu, cantor dos bosques,  
Na paz da solidão,  
Sobre as ondas do tempo ir resvalando  
Aos sons de uma canção,  
E exalando da vida o sopro extremo  
Num cântico de amor,  
Sobre um raio da tarde enviar um dia  
Minh'alma ao Criador!...

Hino do prazer

*Et ces voix qui passaient, disaient joyeu—sément:  
Bonheur! gaîté! délices!  
A nous les coupes d'or, remplies d'un vin charmant,  
A d'autres les calices!...*  
(V. Hugo)

I

As orgias celebremos:  
*Evoé! — Peian! — cantemos.*  
(C. Semedo)  
Convivas do prazer, vinde comigo  
Ao folgar dos festins; — encham-se as taças,  
Afine-se o alaúde.  
Salve, ruidosos hinos desenvoltos!  
Salve, tinir dos copos!  
Festas de amor, alegres algazarras  
De ebritroante bródio!  
Salve! Co'a taça em punho eu vos saúdo!  
Beber, cantar e amar eis, meus amigos,  
Das breves horas o mais doce emprego;  
O mais tudo é quimera... o ardente néctar  
No brilhante cristal férvido espume,  
E verta n'alma encantador delírio  
Que a importuna tristeza longe espanca,  
E alenta o coração para os prazeres.  
Pra levar sem gemer à fatal meta  
Da vida o peso, vinde em nosso auxílio,  
Amor, poesia e vinho.  
Ferva o delírio ao retinir dos copos,  
E entre ondas de vinho e de perfumes,  
Se evapore em festivos ditirambos.  
É doce assim viver! — ir desfolhando,  
Descuidado e a sorrir, a flor dos anos,  
Sem lhe contar as pétalas, que fogem  
Nas torrentes do tempo arrebatadas:  
É doce assim viver-se a vida é sonho,  
Seja um sonho de rosas.

Quero deixar de minha vida as sendas  
Juncadas das relíquias do banquete;  
Frascos vazios, machucadas flores,  
Grinaldas pelo chão, cristais quebrados,  
E entre murchos festões roto alaúde,  
Que reboando balanceia ao vento,  
Lembrando amores que cantei na vida,  
Sejam de meu passar por sobre a terra  
Os únicos vestígios.  
Antes assim, do que passar os dias,  
— Qual feroz caírnã, guardando o ninho,  
Inquieto a vigiar avaros cofres,  
Onde a cobiça aferrolhou tesouros  
Colhidos entre as lágrimas do órfão  
E as ânsias do faminto.  
Antes assim, do que sangrentos louros  
Ir pleitear nos campos da carnagem,  
E ao som de horríveis pragas e gemidos,  
Passar deixando após um largo rio  
De lágrimas e sangue.  
Antes assim... mas quem aqui vos chama,  
Importunas idéias? — por que vindes  
Mesclar voz agoureira  
Das meigas aves aos mimosos quebros?  
Vinde vós, do prazer risonhas filhas,  
De ebúrneo colo, torneados seios,  
Flores viçosas dos jardins da vida,  
Vinde, ó formosas, bafejai perfumes  
Sobre estas fronteiras, que em delírios ardem,  
Vozes casai da citara aos arpejos,  
E ao som de meigos, deleixados cantos,  
Ao quebrado languor dos olhos lindos,  
Ao mole arfar dos mal ocultos seios,  
Fazei brotar nos corações rendidos  
Os férvidos anelos, que despontam  
Nos vagos sonhos d'alma, bafejados  
De fagueira esperança, e são tão doces!...  
Talvez mais doces do que os gozos mesmos  
Seja harmonia o ar, flores a terra,  
Amor os corações, os lábios risos,  
Para nós seja o mundo um céu de amores.

II

*Je veux rêver, et non pleurer!* (Lamartine)  
Mas é já tempo de depor as taças:  
Que este ardente delírio, que inda agora  
Ao som de soltos hinos  
Tripudiava n'alma, vai de manso  
Para os lânguidos sonhos descambando,

Sonhos divinos, quais só tê-los sabe  
Ditoso amante, quando a fronte inclina  
No regaço da amada, e entre as delícias  
De um beijo adormecera.  
Basta pois, — que o prazer não só habita  
Na mesa dos festins, entre o alvoroço  
De jogos, danças, músicas festivas...  
Vertei, ó meus amigos,  
Vertei também no cíato da vida  
Algumas gotas de melancolia;  
Cumpra também banquetear o espírito,  
Na paz e no silêncio inebriá-lo  
Cos místicos aromas que se exalam  
Do coração, nas horas de remanso:  
Na solidão, ao respirar das auras  
Se acalme um pouco o férvido delírio  
Dos atoados bródios.  
E ao tûmulo suceda a paz dos ermos  
Bem como a noite ao dia!  
Quanto é grato depois de ter sumido  
Largas horas em risos e folguedos,  
Deixando estanque a taça do banquete,  
Ir respirar o hálito balsâmico  
Que em torno exalam flóridas campinas,  
E reclinado à' sombra da mangueira  
Fruir em solidão esse perfume  
De tristeza, de amor e de saudade,  
Que em momentos de plácido remanso  
Do mais íntimo d'alma se evapora!  
Vertei, brisas, vertei na minha fronte  
Com macio murmúrio alma frescura;  
Fagueiras ilusões, vinde inspirar-me;  
Aéreos cantos, quérulos rumores,  
Doces gorjeios, sombras e perfumes,  
Com risonhas visões vinde embalar-me,  
E adormecei minh'alma entre sorrisos.  
Longe, bem longe destes doces sítios  
O torvo enxame de cruéis pesares...  
Deixai-me a sós fruindo  
A taça misteriosa onde a poesia  
A flux verte seu néctar.  
Busquem outros sedentos de tristezas,  
De dores só nutrir o pensamento,  
E quais duendes pálidos vagueiem,  
Entre os ciprestes da mansão funérea,  
Lições severas demandando às campas;  
Meditações tão graves não me aprazem;  
Longe, tristes visões, fúnebres larvas  
De agoureiro sepulcro  
Longe também, ó vãos delírios d'alma,

Glória, ambição, futuro. — Oh! Não venhais  
Crestar com o bafo ardente  
A viçosa grinalda dos amores.  
Nos jardins do prazer colham-se rosas,  
E com elas se esconda o horror da campa....  
Deixai que os insensatos visionários  
Da vida o campo só de abrolhos junquem,  
Lobrigando ventura além da campa;  
Miseros loucos... que os ouvidos cerram  
A voz tão meiga, que ao prazer os chama,  
E vão correndo após um bem sonhado,  
Oco delírio da vaidade humana....  
De flores semeai da vida as sendas,  
E com elas se esconda o horror da campa...  
A campa! — eis a barreira inexorável,  
Que nosso ser inteiro devorando  
Ao nada restitui o que é do nada!  
Mas enquanto se oculta a nossos olhos  
Nos longes nebulosos do futuro,  
Nas ondas do prazer, que mansas correm,  
Larguemos a boiar a curta vida,  
Bem como a borboleta matizada,  
Que desdobrando ao ar as leves asas  
Contente e descuidosa se abandona  
Ao brando sopro de benigno zéfiro.

III

*Venez.....*  
*L'air est tiède, et là—bas dans les forêts prochaines*  
*La mousse épaisse et verte abonde au pied des chênes.*  
(V. Hugo)

Descamba o sol — e a tarde no horizonte  
Saudosos véus desdobra...  
Do manso rio na dourada veia  
Tremem ainda os últimos reflexos  
Do dia, que se extingue;  
E os píncaros agudos, onde pousam  
Do sol poente os raios derradeiros,  
Ao longe avultam quais gigantes feros,  
Que a fronte cingem com diadema d'ouro.  
Ah! eis a hora tão saudosa e meiga,  
Em que o amante solitário vaga  
A cismar ilusdes, doces mistérios  
De sonhada ventura...  
E vem, ó tarde, suspirar contigo,  
Enquanto não desdobra o manto escuro  
A noite a amor propícia....  
Afrouxa a viração — mole sussurro  
Suspira apenas na sombria veiga,

Qual voz sumida a murmurar queixumes.  
É junto a ti, meu bem, que nestas horas  
Me voa o pensamento. — Ah! Não vens inda  
Pousar aqui de teu amante ao lado  
Sobre este chão de relva?  
Vem, ninfa, vem, meu anjo, aqui te aguarda  
Quem só por ti suspira...  
Da tarde as auras para ti desfolham  
Cheirosas flores na macia relva,  
E para te embalar em doces êxtases,  
Murmura a solidão meigos acordes  
De vagas harmonias:  
Vem, que ermo é tudo, e as sombras  
Da noite, mãe de amor.  
Ah! tu me ouviste; — já ligeiras roupas  
Sinto leve rugir; — estes aromas  
São as tuas madeixas, que recendem.  
Oh! Bem-vinda sejas,  
Entre meus braços, doce amiga minha!  
Graças à aragem, diligente serva  
Dos ditosos amantes, que levou-te  
Meus suspiros, e trouxe-te a meu seio!  
Vem, meu querido amor, vem reclinar-te  
Neste viçoso leito, que a natura  
Para nós recamou de musgo e flores,  
Em diáfanas sombras escondido:  
Desata as longas tranças,  
E a seda espalha das madeixas negras  
Por sobre os níveos ombros;  
Desprende os véus ciosos, deixa os seios  
Livrementemente ondearem; — quero vê-los  
Em ténues sombras alvejando a furto,  
No afã de amor ansiosos arquejarem.  
Da boca tua nos mimosos favos  
Oh! Deixa-me sorver num longo beijo  
Dos prazeres o mel delicioso,  
De amor toda a doçura.  
Eu sou feliz! — cantai minha ventura,  
Auras da solidão, aves do bosque;  
Astros do céu, sorride a meus amores,  
Flores da terra, derramai perfumes  
Em torno deste leito, em que adormece  
Entre os risos de amor o mais ditoso  
Dos seres do universo!  
Brisas da noite, bafejai frescura  
Sobre esta fronte que de amor delira,  
Com cantos alentai-me, e com aromas,  
Que em tamanha ventura desfaleço.  
Eu sou feliz... demais!... cessai delícias,  
Que a tanto gozo o coração sucumbe!

Assim cantava o filho dos prazeres...  
Mas no outro dia um golpe inopinado  
Da sorte lhe quebrou o tênue fio  
Da risonha ilusão que o fascinava:  
A noite o viu cantando hino de amores,  
A aurora o achou curvado a verter pranto  
Sobre uma lousa fria.

#### Hino à Tarde

A tarde está tão bela e tão serena  
Que convida a cismar ...  
Ei-la saudosa e meiga reclinada  
Em seu etéreo leito,  
Da muda noite amável precursora;  
Do róseo seio aromas transpirando,  
Com vagos cantos, com gentil sorriso  
Ao repouso convida a natureza.  
Montão de nuvens, como vasto incêndio,  
Resplende no horizonte, e o clarão rábido  
Céus e montes ao longe purpureia.  
Pelas odoras veigas  
As auras brandamente se espreguiçam,  
E o sabiá na encosta solitária  
Saudoso cadenceia  
Pousado arpejo, que entristece os termos.  
Oh! que grato remanso! — que hora amena,  
Propícia aos sonhos d'alma!  
Quem me dera voltar à feliz quadra,  
Em que este coração me transbordava  
De emoções virginais, de afetos puros!  
Em que esta alma em seu selo refletia,  
Como o cristal da fonte, pura ainda,  
Todo o fulgor do céu, toda a beleza  
E magia da terra! ...ó doce quadrar  
Quão veloz te sumiste — como um sonho  
Nas sombras do passado!  
Quanto eu te amava então, tarde formosa.  
Qual pastora gentil, que se reclina  
Rósea e louçã, sobre a macia relva,  
Das diurnas fadigas descansando;  
A face em que o afã lhe acende as cores,  
Na mão repousa — os seios lhe estremecem  
No mole arfar, e o lume de seus olhos  
Em suave langor vai desmaiando;  
Assim me aparecias, meiga tarde,  
Sobre os montes do ocaso debruçada;  
Tu eras o anjo da melancolia  
Que à paz da solidão me convidava.

Então no tronco, que o tufão prostrava  
No viso da colina ou na erma rocha,  
Sobre a margem do abismo pendurada,  
Me assentava a cismar, nutrindo a mente  
De arroubadas visões, de aéreos sonhos.  
Contigo a sós sentindo o teu bafejo  
De aromas e frescor banhar-me a fronte,  
E afagar brandamente os meus cabelos,  
Minh'alma então boiava docemente  
Por um mar de ilusões e parecia  
Que um coro aéreo, pelo azul do espaço,  
Me ia embalando com sonoras dalias:  
De um puro sonho sobre as asas de ouro  
Me voava enlevado o pensamento,  
Encantadas paragens devassando;  
Ou nas vagas de luz que o ocaso inundam  
Afoito me embebia, e o espaço infindo  
Transpondo, ia entrever no estranho arroubo  
Os radiantes pórticos do Elísio.  
Ó sonhos meus, ó ilusões amenas  
De meus primeiros anos,  
Poesia, amor, Saudades, esperanças,  
Onde fostes? por que me abandonasses?  
Inda do tempo me não pesa a destra  
E não me alveja a fronte; — inda não sinto  
Cercar — me o coração da idade os gelos,  
E já vós me fugis, ó ledas flores  
De minha primavera!  
E assim vós me deixais, — tronco sem seiva,  
Só, definhando na aridez do mundo?  
sonhos meus, por que me abandonasses?  
A tarde está tão bela e tão serena  
Que convida a cismar: — vai pouco a pouco  
Desmaiando o rubor dos horizontes,  
E pela amena solidão dos vales  
Caladas sombras pousam: — breve a noite  
Abrigará com a sombra de seu manto  
A terra adormecida.  
Vinde ainda uma vez, meus sonhos de ouro,  
Nesta hora, em que tudo sobre a terra  
Suspira, cisma ou canta,  
Como esse afagador extremo raio,  
Que à tarde pousa sobre as grimpas ermas,  
Vinde pairar ainda sobre a fronte  
Do bardo pensativo; — iluminara  
Com um raio inspirado;  
Antes que os ecos todos adormeçam  
Da noite no silêncio,  
Quero um hino vibrar nas cordas d'harpa  
Para saudar a filha do crepúsculo.

Ai de mim! — esses tempos já caíram  
Na sombria voragem do passado!  
Os meus Sonhos queridos se esvaíram,  
Como após o festim murchas se espalham  
As flores da grinalda:  
Perdeu a fantasia as asas d'ouro,  
Com que Se alava às regiões sublimes  
De mágica poesia,  
E despojada de seus doces sonhos  
Minh'alma vela a sós com o sofrimento,  
Qual vela o condenado  
Em sombria masmorra à luz sinistra  
De amortecida lâmpada.  
Adeus, formosa filha do Ocidente,  
Virgem de olhar sereno que meus sonhos  
Em doces harmonias transformavas,  
Adeus, ó tarde! — já nas frouxas cordas  
Rouqueja o vento e a voz me desfalece...  
Mil e mil vezes raiarás ainda  
Nestes sítios saudosos que escutaram  
De minha lira o desleixado acento;  
Mas ai de mim! nas solitárias veigas  
Não mais escutarás a voz do bardo,  
Hinos casando ao sussurrar da brisa  
Para saudar teus mágicos fulgores.  
Silenciosa e triste está minh'alma,  
Bem como lira de estaladas cordas  
Que o trovador esquece pendurada  
No ramo do arvoredado,  
Em ócio triste balançando ao vento.

**FIM**